

APRESENTAÇÃO

“Gênio não é certamente questão
de arbítrio, mas de liberdade”

F. Schlegel

O século XIX deixou-nos como herança uma forma bem específica de nos portarmos frente ao mundo. É a época da consolidação desse estranho fenômeno que chamamos de “humanismo”, com o qual ainda hoje nos debatemos, sem tê-lo superado de fato. Após a Revolução Francesa, certo ideal político do que venha a ser o homem se tornou difícil de contornar, ainda que filósofos como Nietzsche, Heidegger e Foucault tenham insistentemente tentado reavaliá-lo. O indivíduo – entendido como sujeito de um desejo, de uma angústia e de uma liberdade que se confrontam dialeticamente com o mundo social – tornou-se, desde o século XIX, no pressuposto central do pensamento político, filosófico e literário.

Foi bem aí, no coração da experiência da vida individualizante moderna, que nasceu a categoria de “liberdade”, com a qual operamos ainda hoje de forma estranhamente cômoda, sem sequer pensarmos na possibilidade de que haja, para nós, um outro ideal político desejável. Repetir ao infinito que nascemos livres, que a liberdade é nossa própria essência, nossa própria substância, a coisa mais valiosa que detemos... e, ainda assim, tornar cada um de nossos gestos políticos numa busca incessante por essa liberdade que, apesar de tão íntima, de tão essencial, nunca cabe plenamente em nossas mãos, nunca preenche de fato o sentido de nossas ações... Quê se esconde por trás de tal pungente desejo pelo impossível? Por que aquilo que nós somos no mais essencial é, também, aquilo que sempre escapa às nossas ações? Não é à toa que a mesma época que inventou uma imensa máquina jurídica chamada “prisão”, cujo objetivo é punir nossas faltas morais privando-nos de nossa liberdade, também elevou a liberdade ao valor humano máximo, o valor humano absoluto. Se a prisão que priva de liberdade é a mesma que tenta garantir seu bom uso, talvez então nossa liberdade só nos seja tão valiosa e tão desejável porque alguém, um dia, se dispôs a desejá-la e a capturá-la. E, se isso for verdade, por que então continuamos a querê-la tão avidamente, tão apaixonadamente, tão mortalmente? Não são poucos os que estão dispostos hoje a sacrificar a vida em nome da liberdade; mas, se a liberdade não é possível sem a vida, o que desejamos, de fato, é apenas o impossível.

Enquanto gênero literário, o Bildungsroman é indissociável desse momento histórico em que a liberdade se tornou em nosso bem íntimo mais precioso e, simultaneamente, naquilo que funda nossa responsabilidade social perante os outros. O modelo máximo desse gênero, já estamos cansados de afirmar, é o Wilhelm Meister de Goethe. Já é lugar comum afirmar que é neste romance que Goethe mostra sua concepção clássica da Bildung, pensada enquanto um processo dialético entre o indivíduo e sua condição de ser social. Na medida em que Meister transita entre

diferentes classes sociais, ao buscar sua formação completa, ele aprende a dosar, dentro de si, o embate entre suas potencialidades singulares e seu lugar no tecido social. A Bildung clássica visa realizar, dessa forma, a redenção do indivíduo frente ao mundo social.

Mas o que se esconde por trás deste consenso de que existe um modelo “relativamente estável” para um “gênero” cuja questão principal é, e permanece ainda, o destino do indivíduo frente às possibilidades de seu ser social, de sua condição de ser necessariamente e moralmente responsável pela sua própria liberdade? O peso das contribuições de Bakhtin e de Lukács para se pensar o Bildungsroman enquanto um “gênero” talvez tenham nos impedido de arriscar uma interpretação que não esteja tão presa a essa palavrinha mágica que, em teoria literária, já se tornou uma espécie de fetiche: a “dialética”! Dizer que o Bildungsroman mantém uma relação “dialética” entre indivíduo e sociedade não é dizer pouco, mas certamente não é dizer tudo. Escapa nessa concepção o que talvez seja mais determinante na experiência da Bildung, enquanto conceito da tradição filosófica alemã: que o romance só pode ser um “gênero” na medida em que, nele, o que é “genérico”, no homem, é colocado em suspenso (ou seja, é “pensado”, como se diz no vocabulário filosófico) em favor da experiência da singularidade. O Bildungsroman só pode narrar a formação de um indivíduo na medida em que concebe algo assim como um germen de liberdade naquele que é formado.

É no mínimo estranho constatar que a maioria das considerações sobre o Bildungsroman dão tamanha importância à noção “gênero”, principalmente quando lembramos que é justamente na época de Goethe que a teoria da criação literária buscou, a partir do conceito de Bildung, explicar a gênese da obra literária enquanto a criação de um “gênio”. Daí que a própria experiência da escrita literária, a partir do final do século XVIII, tenha orbitado em torno dessa figura do “indivíduo” – seja no que diz respeito aos personagens, seja no que diz respeito à figura do autor. Goethe, o exemplo mais alto de homem letras da época, faz da escrita do romance uma expressão direta de suas possibilidades de homem livre – de onde surge o imperativo de unir arte e vida, que ele seguiu até as últimas consequências. O Bildungsroman é o gênero dos gênios, isto é, é o gênio que suspende (que pensa) o gênero: o que ele narra é a vida do indivíduo em seu movimento de auto superação – isso quer dizer, no movimento de sua própria liberdade. Na acepção típica do século XIX, o homem de “gênio” é aquele que, em confronto com as normas sociais, busca sua morada específica sobre a Terra; ele coloca em suspenso as normas sociais, e só as respeita quando é capaz de torná-las veículo da própria liberdade. Formar-se é, por um lado, libertar-se e, por outro, responsabilizar-se.

Talvez precisemos dar um passo atrás e nos perguntar, mais decisivamente, quem é o pequeno artista semente-de-burguês Wilhelm Meister se comparado ao artista de gênio melancólico que o século XVIII encarnou na figura de Werther. Assim, poderíamos perceber que não existiria um “gênero” Bildungsroman sem o conceito filosófico de Bildung, que funda uma certa compreensão do “gênio” literário. Talvez Meister seja uma alternativa a Werther, um sobrevivente da angústia

melancólica deste outro alter-ego de Goethe que, frente ao impossível desejo de realizar um ideal de liberdade, só conseguiu encontrar uma saída no suicídio. No fundo, pensar que há um modelo, um “gênero” de Bildungsroman que se inicia com o Meister é esquecer que Goethe buscou, em seu ideal de formação clássica, responder à pergunta filosófica colocada em sua juventude com a publicação do Werther: afinal, como realizar plenamente nossas potências humanas sem nos matarmos? Não seria essa, ainda hoje, a pergunta que continua a não ser respondida, apesar da imensa quantidade de Bildungsromane que a circulam na contemporaneidade? Falar de Bildungsroman é, antes de tudo, falar da liberdade do indivíduo: é falar de sua potência. E o humano pode muitas coisas além de sua própria morte.

Nós nos colocamos na posição dos que desejam a liberdade, hoje, com uma naturalidade assustadora, esquecendo que foi há menos de três séculos que uma tal demanda foi colocada como o objetivo impossível de toda ação política. Liberdade é, talvez, o único conceito moderno que, depois da virada desconstrucionista, não sofreu uma crítica à altura de sua importância; ele continua ainda aquém de uma crítica filosófica, nesta posição paradoxal de algo que é nosso na exata medida em que nos falta. Nós estamos dispostos a criticar tudo e todos, mas sempre em nome da liberdade; a liberdade, mesmo, jamais pode ser alvo da crítica.

Enquanto persistirmos em realizar a liberdade sem entender seu caráter específico de potência, cairemos novamente no mesmo erro de Werther. Se o Bildungsroman persiste em sua atualidade no cenário literário contemporâneo, mesmo que se parodiando constantemente, é porque esta experiência moderna do que seja a “liberdade” continua a imperar em nosso imaginário. Estamos hoje muito mais presos ao problema de Werther do que imaginamos; a liberdade ainda nos é uma questão de vida ou morte. Penso que a importância do Bildungsroman não esteja necessariamente em ser um “gênero literário” relativamente estável, que reflete os percalços do homem moderno em sua inserção social. Os leitores do dossiê da revista Estação Literária poderão perceber que, mais que um gênero com suas características retóricas ou discursivas específicas, o Bildungsroman é o testemunho e a reflexão filosófica de nossa condição moderna de seres a quem pesa a responsabilidade da própria liberdade.

Gabriel Pinezi
Universidade Estadual de Londrina